



HAL
open science

Circulação e intercâmbio de plantas e conhecimentos fitomedicinais na fronteira franco-brasileira

Marc-Alexandre Tareau, Lucie Dejouhanet, Marianne Palisse, Guillaume Odonne

► **To cite this version:**

Marc-Alexandre Tareau, Lucie Dejouhanet, Marianne Palisse, Guillaume Odonne. Circulação e intercâmbio de plantas e conhecimentos fitomedicinais na fronteira franco-brasileira. *Confins - Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, 2021, 51, 10.4000/confins.39305 . hal-03485381

HAL Id: hal-03485381

<https://hal.science/hal-03485381>

Submitted on 23 Dec 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Confins

Revue franco-brésilienne de géographie / Revista
franco-brasileira de geografia

51 | 2021
Número 51

Circulação e intercâmbio de plantas e conhecimentos fitomedicinais na fronteira franco- brasileira

*Circulations et échanges de plantes et de savoirs phytomédicinaux sur la
frontière franco-brésilienne*

*Circulation and exchange of plants and phytomedicinal knowledge on the
french-brazilian border*

**Marc-Alexandre Tareau, Lucie Dejouhanet, Marianne Palisse e Guillaume
Odonne**



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/confins/39305>

DOI: 10.4000/confins.39305

ISSN: 1958-9212

Editora

Hervé Théry

Este documento é oferecido por Institut Français de Recherche pour l'Exploitation de la Mer (Ifremer)



Refêrencia eletrónica

Marc-Alexandre Tareau, Lucie Dejouhanet, Marianne Palisse e Guillaume Odonne, «Circulação e intercâmbio de plantas e conhecimentos fitomedicinais na fronteira franco-brasileira», *Confins* [Online], 51 | 2021, posto online no dia 04 outubro 2021, consultado o 15 novembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/confins/39305>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.39305>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 novembro 2021.



Confins – Revue franco-brésilienne de géographie est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Partage dans les Mêmes Conditions 4.0 International.

Circulação e intercâmbio de plantas e conhecimentos fitomedicinais na fronteira franco-brasileira

Circulations et échanges de plantes et de savoirs phytomédicinaux sur la frontière franco-brésilienne

Circulation and exchange of plants and phyto medicinal knowledge on the french-brazilian border

Marc-Alexandre Tareau, Lucie Dejouhanet, Marianne Palisse e Guillaume Odonne

- 1 Os espaços transfronteiriços constituem locais de intercâmbios e interações “intersticiais” (Ruffray, 2000), nos quais as práticas culturais se confrontam, se misturam e podem também tomar formas singulares (de Oliveira, 2009). As circulações e mobilidades terapêuticas nas fronteiras compõem, assim, uma “área de pesquisa em construção” (Sakoyan, 2012), que se tem voltado, até hoje, para as migrações de doentes em busca de cuidados biomédicos (Bochaton & Lefebvre, 2010, 2008 ; Pordié, 2013) ou para a patrimonialização das práticas tradicionais de cuidados como estratégia de reconhecimento de identidades culturais transfronteiriças (Candelise, 2013 ; Carreño Calderón, 2013). Os fluxos internacionais de plantas começam, hoje, a suscitar também interesse, principalmente com a difusão das medicinas alternativas nos países ocidentais (Dejouhanet, 2009 ; Hoyez, 2011), a demanda dos membros de diásporas por remédios à base de plantas de sua região de origem (Balick et al., 2000; Bochaton, 2018 ; Ceuterick et al., 2008; Kujawska & Hilgert, 2014; Pieroni et al., 2012; Reiff et al., 2003; van Andel & Westers, 2010), e o desenvolvimento das indústrias farmacêuticas ditas



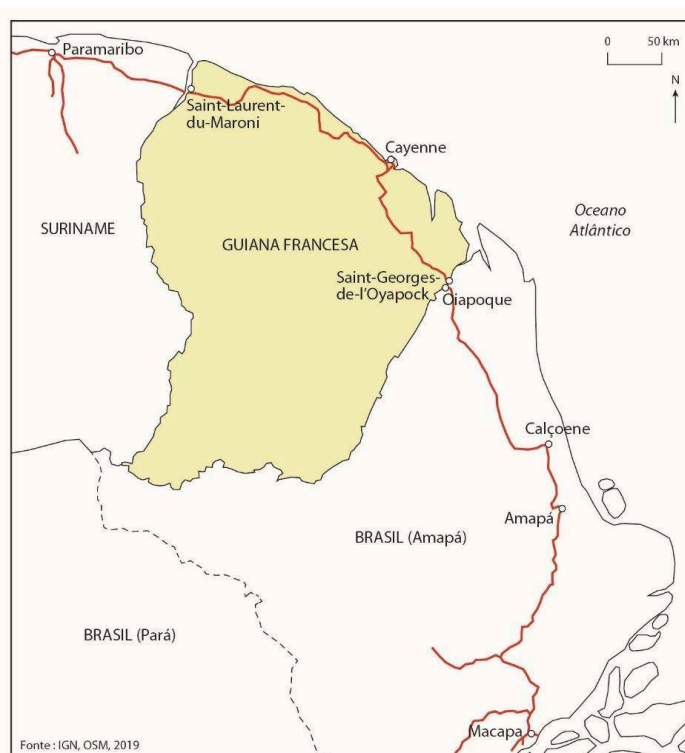
tradicionais nos países do Sul (Saxer, 2009 ; Dejouhanet, 2014 ; Mercan, 2012). Muito poucos estudos ainda analisam, nos espaços transfronteiriços, as dinâmicas desses fluxos, seu papel na transformação das práticas terapêuticas e, de modo mais geral, a maneira como os saberes e plantas circulam e se implantam nessas interfaces¹.

A fronteira franco-brasileira : um limite geopolítico no coração de um conjunto cultural

- 2 Na Guiana Francesa, os rios-fronteira (Maroni, no Oeste, Oiapoque, no Leste) são locais de contatos e intercâmbios mais do que de mera separação. No contexto amazônico, os rios constituem eixos de circulação que estruturam os intercâmbios tanto entre o litoral e o interior das terras quanto no seio do espaço continental, contribuindo para uma construção territorial particular. Como em outros cantos, os rios são “corredores de transportes, locais para a criação de cidades, limites espaciais ou zonas de intercâmbios” (Bruckmann, 2017), às vezes centrais para os territórios nacionais, às vezes marginalizados, principalmente quando correspondem aos limites geopolíticos. Utilizá-los como fronteira é, então, sempre um pouco “paradoxal” (Théry, 2015).
- 3 No Oiapoque, rio-fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, dois países se encaram, com suas especificidades, seus valores e seus códigos culturais. No entanto, como escreve René Nouailhat (2010), trata-se de uma “fronteira impossível”. Isso, ao mesmo tempo, por razões históricas (o traçado da fronteira foi objeto de um longo conflito diplomático entre a França e o Brasil, somente resolvido em 1900, em favor do Brasil, por uma arbitragem suíça) e geográficas (um vasto rio amazônico não é uma fronteira impermeável). Decorre daí uma proximidade cultural – principalmente linguística² – e uma homogeneidade nos modos de vida entre as populações do Amapá e da Guiana Francesa. O vaivém permanente entre as duas margens é a ilustração mais concreta da extrema porosidade dessa fronteira³ que, na realidade, age como uma verdadeira “interface dinâmica entre dois mundos” (Blancodini & Tabarly, 2010), tanto mais quanto esses “dois mundos” só estão politicamente separados há um século” (Grenand, 2012). As circulações entre as duas margens antecederam a presença dos colonos na região, a partir do século XVI, e nunca deixaram de se intensificar desde então (Collomb & van den Bel, 2014 ; Dupuy, 2012). Ainda hoje, as duas margens funcionam em sinergia: os moradores de Saint-Georges de l’Oyapock atravessam o rio para comprar bens de consumo em Oiapoque, franceses moram na margem oposta para se beneficiarem com aluguéis baratos, os brasileiros vão ao dispensário de Saint-Georges para consultas médicas, etc. (Boudoux d’Hautefeuille, 2008). São todas mobilidades diárias ou frequentes que contribuem para o dinamismo circulatório da zona.
- 4 Esse funcionamento conjunto das duas margens fronteiriças do Baixo Oiapoque, sustentado pelas numerosas analogias culturais e igualmente naturais, é tanto mais característico quanto essa região permaneceu encravada durante muito tempo. Assim, as duas margens se parecem por sua marginalidade frente ao poder central de seus respectivos Governos e por seu recente desencravamento⁴ (fig. 1) : Saint-Georges de l’Oyapock fica a três horas de estrada de Caiena e a mais de oito horas de voo de Paris. Oiapoque está, na melhor das hipóteses, a oito horas de estrada da capital, Macapá, e a 1600 km de Brasília. Esse relativo isolamento influenciou claramente o funcionamento em comum e a história coletiva daquele que era, antigamente, um território singular.

- 5 No entanto, a despeito da coerência histórica, o fosso socioeconômico entre as duas margens hoje se aprofunda: a margem esquerda é francesa e a margem direita é amapaense. O nível de vida relativamente elevado e a assistência social garantida pelo Governo francês induzem um importante diferencial socioeconômico fronteiriço, fonte de importantes migrações brasileiras para uma Guiana Francesa vista como muito atrativa (Police, 2000). Até recentemente, os moradores iam de um lado para o outro sem limitações administrativas (Grenand, 2012), sendo que as autorizações de residência só eram controladas nas barreiras rodoviárias instaladas do lado francês, na estrada para Caiena e, do lado brasileiro, na saída de Oiapoque, na estrada para Macapá, o que criava, de fato, um espaço comum (Nicolas, 2016).
- 6 Mas, a crescente quebra de braço entre a União Europeia e o Mercosul, bem como as legislações muito diferentes desses dois grandes conjuntos políticos e econômicos, fazem surgir uma linha de demarcação cada vez mais rígida, com controles numerosos e restritivos tanto de um lado quanto do outro. Em 2017, a abertura da ponte transnacional sobre o Oiapoque, na qual a passagem se faz mediante um duplo controle sistemático pelas autoridades alfandegárias e policiais dos dois países, também contribui para o processo de refrenteirização (*rebordering*) em curso (Letniowska-Swiat, 2012; Moullé, 2017). De todo modo, numerosos “deslocamentos pendulares” (Kaufmann, 2005) existem entre as duas margens e contribuem, por essência, à fabricação desse espaço cultural (Crété, 2015; Filippi, 2016; Thebaux, 2015; Tritsch *et al.*, 2012).

Figura 1. Contexto geográfico regional da fronteira franco-brasileira



- 7 Logo, a região é, há muito tempo, lugar de circulações e intercâmbios culturais intensos, dentre os quais os intercâmbios ligados às práticas de saúde constituem um vasto campo de pesquisa. Nosso estudo tem por finalidade identificar e caracterizar as

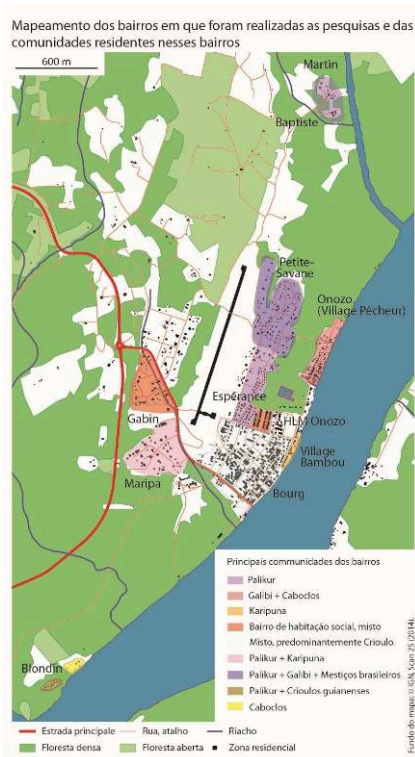
circulações etnobotânicas no Baixo Oiapoque e, mais particularmente, em Saint-Georges de l'Oyapock, sendo que todas essas circulações constituem provas da profunda dimensão cultural dos intercâmbios nessa fronteira. De fato, se este trabalho traz uma luz original sobre as formas de circulações informais e relativamente desconhecidas, também permite, por sua vertente etnobotânica, compreender melhor as construções culturais que se operam nesses tipos de espaços.

Medir os intercâmbios de plantas e saberes no Oiapoque : metodologia

- 8 Na bacia do Baixo Oiapoque coabitam vários grupos humanos que se deslocam regularmente de uma margem à outra do rio-fronteira. Este trabalho se apoia unicamente em sondagens realizadas em Saint-Georges de l'Oyapock durante várias missões de campo, entre outubro de 2016 e abril de 2017. Entrevistas semidiretivas foram aí feitas com vinte e três moradores, todos usuários, mais ou menos regulares, de plantas medicinais. Paralelamente, coletamos amostras das plantas citadas ⁵para determinar com exatidão as espécies citadas pois, nesse contexto marcadamente plurilingue, os numerosíssimos nomes vernaculares levam a muitas imprecisões.
- 9 Essas sondagens foram efetuadas durante um período de vazio legislativo, entre a promulgação da lei pela reconquista da biodiversidade⁶ e a entrada em vigor de seu decreto de aplicação, em 1º de julho de 2017. A instância encarregada pelo Ministério da Transição Ecológica e Solidária de emitir as autorizações para os projetos relativos aos recursos genéticos e a partilha justa e equitativa das vantagens (APA⁷) não havia ainda sido implementada. O comitê APA da Coletividade Territorial da Guiana Francesa (que tinha atribuído a si mesma a competência antes da emissão de uma lei nacional) decidiu se reunir quando da criação da lei sobre a biodiversidade. Na falta de modalidades de aplicação, procedemos de acordo com os princípios do código de ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia⁸, da seguinte maneira: fomos ao encontro das autoridades costumeiras dos indígenas palikur, os senhores Roger Labonté e Emmanuel Guillaumet, no âmbito do trabalho de doutorado no qual se insere este estudo, , os quais concordaram com este estudo. Este procedimento foi documentado em um audiovisual. Por fim, é preciso assinalar que o presente artigo não diz respeito ao uso terapêutico das plantas, mas sim à circulação destas plantas e dos saberes a elas associados.
- 10 Os moradores entrevistados pertenciam aos cinco principais grupos culturais presentes na região do Baixo Oiapoque: seis indígenas palikur, seis crioulos guianenses, seis brasileiros não indígenas, três indígenas galibi-marwono e dois indígenas karipuna. Nós os encontramos por acaso, quando de nossas incursões em diversos bairros do município (fig. 2), que se caracterizam – exceto os novos alojamentos do tipo Habitação com Aluguel Moderado e, em certa medida, os do velho burgo – por sua composição frequentemente monoétnica (Pérez & Archambeau, 2012). Os indígenas palikur foram assim encontrados nos bairros Espérance, Martin e Baptiste, em Gabin e Petite-Savane. Sua população, na região, é calculada em cerca de 3.000 pessoas (Laval, 2016), repartidas entre diversas aldeias, tanto do lado francês quanto do lado brasileiro (aldeias da região do rio Urucaú). Os Galibi-Marwono e Karipuna, oriundos de grupos indígenas que têm entre 2.000 e 3.000 membros na escala regional (*ibid.*) e, principalmente, oriundos da fusão de outros grupos, hoje extintos, foram respectivamente entrevistados em Onozo e Petite-Savane, no vilarejo Bambou e no bairro Maripá. Mesmo se algumas famílias

moram na Guiana Francesa, esses grupos estão instalados principalmente no Brasil, na região do rio Uaçá, no caso dos Galibi-marwonos, e do rio Curipi, no caso dos Karipunas (fig. 4). Os brasileiros não indígenas que moram na região do Baixo Oiapoque são oriundos de uma migração, mais ou menos recente, de populações urbanas pobres provenientes seja de cidades do Sul do Amapá, seja dos estados vizinhos do Pará, Maranhão e, às vezes, do Ceará (Boudoux d’Hautefeuille, 2012). Estão implantados, principalmente, na cidade fronteiriça de Oiapoque (15.000 habitantes), mas tendem também, há alguns anos, a migrar para a Guiana Francesa⁹, tentar encontrar emprego e melhorar as suas condições de vida. Nós os encontramos no burgo de Saint-Georges, bem como nos bairros Petite-Savane, Gabin e Onozo. Por fim, os crioulos guianenses, descendentes de escravos que se dispersaram nas antigas terras dos colonos após a abolição de 1848, moram principalmente no centro da cidade, onde os encontramos, bem como no bairro de Blondin, no caso dos crioulos de origem saamaka (bushinenguê).

Figura 2. Mapa dos bairros de Saint-Georges de l’Oyapock



Bairros nos quais houve as sondagens, e das comunidades que neles moram.

- 11 À luz dos resultados dessa sondagem, propomos uma descrição das práticas e saberes contemporâneos sobre a fitoterapia na região de Saint-Georges de l’Oyapock, bem como das circulações humanas e comerciais que os nutrem e participam de seu dinamismo.

A paisagem fitoterapêutica da pequena cidade fronteiriça de Saint-Georges de l'Oyapock

- 12 A paisagem fitoterapêutica guianense se caracteriza, em seu conjunto, por uma importante diversidade de práticas que refletem, por si mesmas, a igualmente importante diversidade sociocultural desse território (Tareau et al., 2020, 2018, 2017). Numerosas espécies nativas e exóticas, especialmente da Ásia e de outras regiões da América (quadro 1) são utilizadas com funções e segundo modos de preparo que podem diferir em função do pertencimento cultural dos habitantes. Assim, analogias ou especificidades mais ou menos marcantes podem ser observadas nos usos entre as diferentes comunidades presentes no território. O inventário realizado no início dos anos 1980 por P. Grenand et al. (1986, reed. 2004) junto às comunidades crioula, palikur e wayãpi da Guiana Francesa apresentou 620 espécies potencialmente utilizadas para fins terapêuticos.
- 13 Em Saint-Georges de l'Oyapock, no total, 139 espécies foram citadas durante a sondagem, chegando a 410 citações de usos (URs). Entre elas, 52 espécies (quadro 1), que totalizam 294 citações e pertencem a 26 famílias botânicas (classificadas de acordo com APG IV), são recorrentes em, pelo menos, três citações, podendo, então, ser consideradas como as espécies mais representativas dessa farmacopeia.

Quadro 1 : Lista das 52 principais espécies medicinais citadas em Saint-Georges de l'Oyapock.

Espécie	Família	Citações	Estatuto agrônômico	Origem	Grupos culturais
<i>Quassia amara</i> L.	Simaroubaceae	16	C	América	gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.*	Meliaceae	14	S	América	br ; gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.*	Arecaceae	13	S	América	br ; gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Copaifera</i> sp.*	Fabaceae	12	S	América	br ; gal ; plk
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	12	C	América	br ; kpa ; krg ; plk
<i>Citrus x aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	Rutaceae	11	C	Ásia	br ; gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Poaceae	11	C	Ásia	br ; gal ; kpa ; krg ; plk

<i>Ayapana triplinervis</i> (Vahl) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	10	C	América	br ; gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	Lamiaceae	9	C	América	br ; kpa ; krg ; plk
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Asteraceae	8	C	África	br ; gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Cocos nucifera</i> L.*	Areaceae	8	C	Ásia	br ; kpa ; krg ; plk
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Crassulaceae	8	C	África	gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	8	C	América	gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Siparunaceae	8	S	América	br ; kpa ; krg ; plk
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Xanthorrhoeaceae	7	C	América	br ; gal ; kpa ; plk
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Amaranthaceae	6	C	América	br ; gal ; kpa
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Rubiaceae	6	C	Oceania	br ; gal ; krg ; plk
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	5	C	América	br ; kpa ; plk
<i>Allium sativum</i> L.	Amaryllidaceae	5	C	Europa	br ; kpa
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Garcin ex Blume	Lauraceae	5	C	Ásia	br ; gal ; krg
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	5	C	América	gal ; kpa ; plk
<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H.Gentry	Bignoniaceae	5	C/S	América	gal ; kpa ; plk
<i>Momordica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	5	S	Ásia	br ; krg
<i>Ocimum</i> spp.	Lamiaceae	5	C	Ásia/ América	br ; gal ; kpa ; plk
<i>Picrolemma sprucei</i> Hook. F.	Simaroubaceae	5	S	América	gal ; kpa ; krg ; plk
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Costaceae	4	S	América	krg

<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Malvaceae	4	C	Ásia	br ; krg ; plk
<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	4	C	América	kpa ; plk
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Verbenaceae	4	C	América	br ; kpa ; krg
<i>Lantana camara</i> L.	Verbenaceae	4	S	América	br ; gal ; krg
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae	4	C	América	br ; krg
<i>Tinospora crispa</i> (L.) Hook. f. & Thomson	Menispermaceae	4	C	Ásia	br ; krg
<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	Myristicaceae	4	S	América	br ; gal ; plk
<i>Dalbergia monetaria</i> L. f.	Fabaceae	4	S	América	br ; kpa ; plk
<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	Oxalidaceae	3	C	Ásia	kpa ; krg ; plk
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	3	C	América	kpa ; krg
<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	3	C	América	br ; kpa
<i>Banara guianensis</i> Aubl.	Salicaceae	3	S	América	krg ; plk
<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Nash	Poaceae	3	C	América	krg ; plk
<i>Gossypium barbadense</i> L.	Malvaceae	3	C	América	krg ; plk
<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	Apocynaceae	3	S	América	gal ; krg
<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	Myristicaceae	3	C	Ásia	krg
<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	3	C	Ásia	gal ; plk
<i>Mentha</i> spp.	Lamiaceae	3	C	Europa	br ; kpa
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	3	C	América	br ; gal
<i>Opuntia cochenillifera</i> (L.) Mill.	Cactaceae	3	C	América	kpa ; plk
<i>Fraxinus ornus</i> L.*	Oleaceae	3	S	Europa	krg
<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	3	C	América	br ; gal ; plk
<i>Ricinus communis</i> L.*	Euphorbiaceae	3	C	África	kpa ; krg

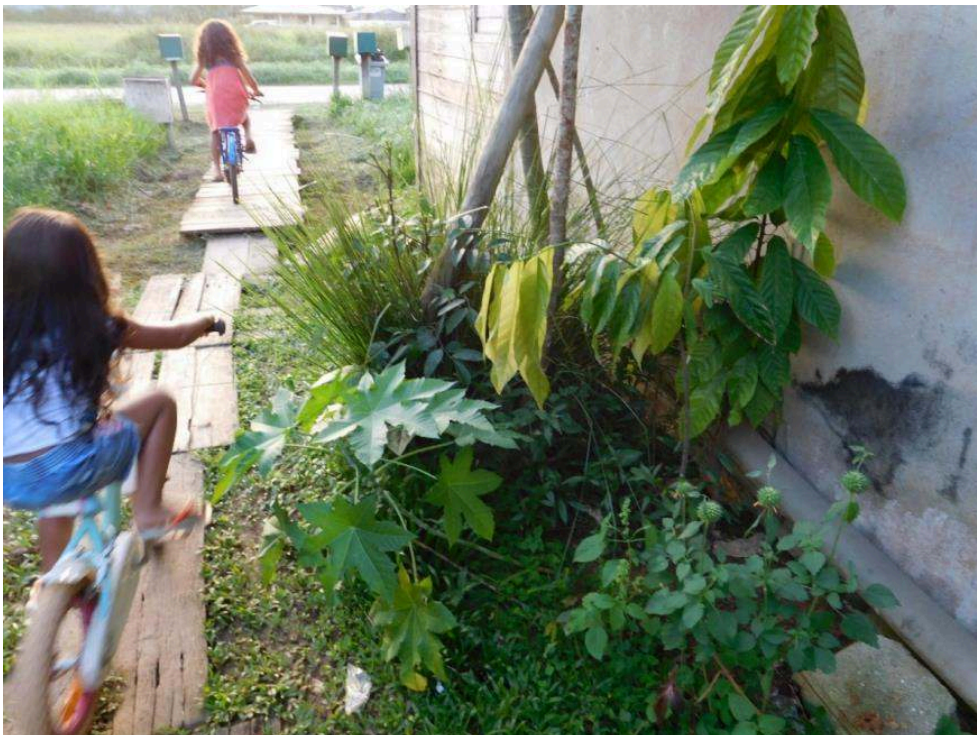
<i>Senna alexandrina</i> Mill.	Fabaceae	3	C	África	krq
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	3	C	Ásia	kpa ; krg
Indeterminada	NP	3	S	América	gal; plk

Legenda : * = comercializada em forma de produto transformado ; C = cultivada ; S = selvagem; br = Brasileiros ; gal = Galibi-marwono ; kpa = Karipuna ; Krg : Crioulos ; plk = Palikur.

- 14 Quinze (27.8%) dessas 52 plantas são espécies nativas da Bacia Amazônica ou do Planalto das Guianas (quadro 1), chegando a 26 % do total das citações. A grande maioria das plantas utilizadas (79 %) são, por conseguinte, espécies exóticas (cujo uso é frequentemente pantropical). Por fim, 8 % das espécies só são utilizadas por uma mesma e única comunidade. A maioria delas é utilizada de maneira transversa por várias comunidades. Dentre essas plantas compartilhadas, 52 % o são entre duas ou três comunidades e 36 % são utilizadas por quatro ou cinco das comunidades consultadas. Isso já nos permite estabelecer o primeiro quadro de um patrimônio fitoterapêutico em comum.

A origem do conhecimento : os saberes e sua circulação entre as comunidades

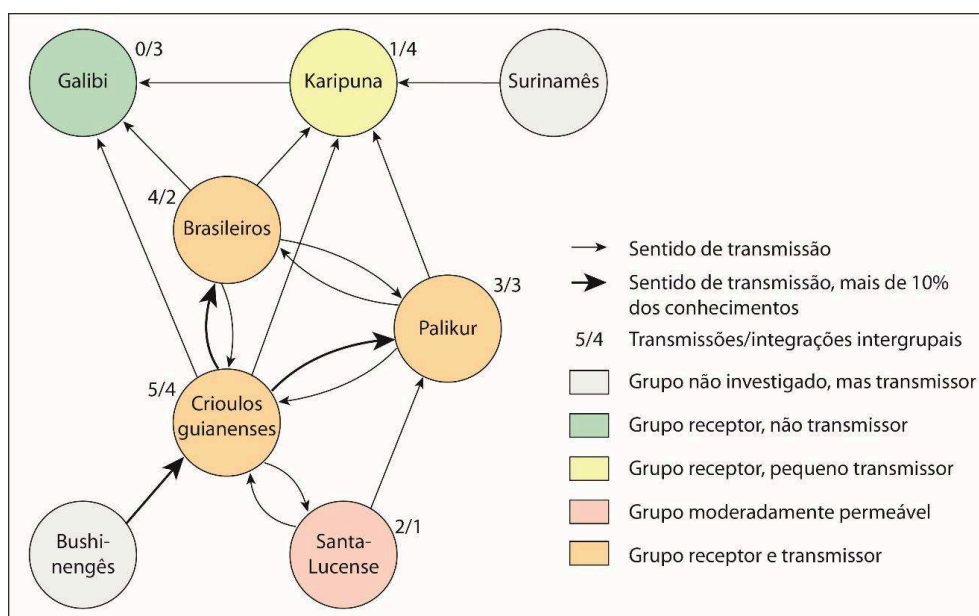
Fotografia 1: Jardim com plantas medicinais ao lado de uma casa



(*Alternanthera brasiliana*, *Leonotis nepetifolia*, *Ricinus communis*, *Vetiveria zizanioides*...) ao lado de uma casa. Vilarejo Bambou, 2017.

- 15 Apesar dessa utilização transversa de um grande número de plantas, a transmissão dos saberes sobre plantas medicinais na região de Saint-Georges de l'Oyapock continua a ser essencialmente intracomunitária e intergeracional (transmissão vertical), com lugar preponderante das mulheres nesse processo¹⁰ (isso tanto na transmissão feita para as mulheres quanto para os homens) (fotografia 1). Essa importância das mulheres já foi salientada em outros estudos no Norte da América do Sul (Tareau et al., 2017 ; Voeks, 2007). Com efeito, num total de 410 citações de plantas medicinais, 349 correspondem a uma transmissão vertical dos quais 154 a uma transmissão da mãe, avó ou tia¹¹. Cinquenta e oito citações correspondem a uma transmissão horizontal, que pode ser interfamiliar ou intercomunitária e, por fim, só tres das citações de plantas tem a mídia como origem.
- 16 Ainda que seja relativamente baixo, é interessante considerarmos o grau de permeabilidade aos intercâmbios interculturais de cada uma das comunidades. Ao cruzarmos a origem cultural dos informadores e das pessoas que lhes transmitiram os conhecimentos citados, podemos esboçar os perfis comunitários em função do nível de permeabilidade aos saberes alóctones ou da capacidade de difusão dos próprios saberes para outros grupos culturais (figura 3). É certo que as pessoas buscam primeiro a informação em sua própria comunidade (mais de 70 % dos casos), mas, respeitadas todas as precauções necessárias ao tamanho de nossa amostragem, provavelmente os grupos que mais interagem com outros grupos – pois com maior tempo de implantação na zona – (palikur, crioulos, brasileiros) são os que mais tendem a intercambiar fora da própria comunidade, agindo como os principais grupos “recursos” da informação obtida. Os galibi-marwono e os karipuna parecem, então, relativamente assimiladores de saberes exógenos, mas têm pouca tendência a partilhar seus próprios conhecimentos com outras comunidades. Não encontramos nenhuma informação vinda dos galibi-marwono entre os saberes das outras comunidades e, no entanto, esse grupo indígena integrou à sua farmacopeia conhecimentos oriundos dos karipuna, brasileiros e crioulos guianenses. Logo, ele está associado a uma fração 0/3. Os brasileiros interrogados receberam mais de 10 % de saberes dos crioulos guianenses, ao mesmo tempo em que também lhes transmitiam conhecimentos. A fração 4/2 indica que partilharam seus conhecimentos com quatro comunidades e receberam informações de outros dois grupos. Logo, são, ao mesmo tempo, receptores e transmissores, ao contrário dos galibi-marwono, que são só receptores.

Figura 3. Intercâmbios de saberes fitomedicinais em Saint-Georges de l'Oyapock



Permeabilidade aos saberes alóctones e capacidade de difusão nas comunidades de Saint-Georges. Realizada com base num esquema proposto por Sébastien Oliveau.

- 17 Esses intercâmbios de saberes entre comunidades realmente contribuíram para o uso generalizado de um grande número de plantas. Se o retrato que nós apresentamos corresponde a circulações relativamente recentes entre as comunidades, é claro que esses intercâmbios, que contribuíram para enriquecer as farmacopeias locais, devem ser integrados a um longo tempo das coabitações humanas.

A difusão das plantas e saberes medicinais, um fenômeno antigo

- 18 Durante o período colonial, um número muito grande de espécies foi disseminado nos Trópicos, dando lugar a processos de hibridação que construíram, em grande parte, as farmacopeias atuais dessas regiões (Benett & Prance, 2000). As populações indígenas presentes na Bacia do Oiapoque faziam comércio com navios europeus que ancoravam na região (Collomb & van den Bel, 2014; Dupuy, 2012) e, logo, conheceram e aprenderam sobre novas espécies com os navegadores. Dois exemplos ilustram esses aportes antigos: a importância da mangueira nas farmacopeias locais, pois trata-se de uma espécie originária da Índia e introduzida na América a partir do século XVI (Ferrão, 2015) e o uso laxante pelos crioulos do maná doce, exsudato de uma árvore do Sul da Europa (o freixo-europeu, *Fraxinus ornus*), hoje vendido em farmácias, e que os marinheiros europeus do século XVIII - que o utilizavam por suas propriedades antiraquíticas e peitorais - trouxeram consigo (Luciani, 1926).
- 19 Mais tarde, durante o século XX, outros movimentos de populações vieram acrescentar diversidade botânica à região. Por exemplo, os garimpeiros crioulos das primeiras corridas do ouro e os catraieiros saamaka¹² que os acompanhavam e dos quais descende uma parte da população crioula atual (Laval, 2016 ; Mam-Lam-Fouck & Anakesa, 2013 ; Pérez & Archambeau, 2012). A herança dessa última migração se expressa, ainda, pela

utilização de nomes vernaculares bushinenguês para designar certas plantas, tais como *singaafu* (para as espécies do gênero *Costus*), *koo ati* (*Begonia glabra*) ou *kuentu* (*Eryngium foetidum*).

- 20 Fenômenos de interculturalização etnobotânica (Tareau, 2019) em curso também podem ser observados em Saint-Georges de l'Oyapock, impulsionados, particularmente, por espécies e usos associados provindos do Brasil. Com efeito, esta sondagem permitiu trazer à luz o peso das plantas medicinais oriundas do Brasil na farmacopeia de Saint-Georges de l'Oyapock: 10 % das plantas medicinais consumidas são compradas do lado brasileiro. As diversas comunidades brasileiras que se instalam do lado francês chegam, assim, com seus próprios conhecimentos sobre a farmacopeia da região de onde se originam ; com as interações diárias entre moradores, estas acabam por influenciar os costumes locais. Esses saberes também são parcialmente adquiridos através dos canais por satélite brasileiros captados em Saint-Georges de l'Oyapock. Alguns remédios populares no Brasil também se tornam progressivamente conhecidos do lado francês e são objeto de fluxos transfronteiriços específicos, como o óleo de copaíba¹³ (citado doze vezes), que sempre é comprado do lado brasileiro, já que não é produzido nem comercializado na Guiana Francesa.
- 21 Os exemplos de transmissões intercomunitárias são, potencialmente, fatores de mudança cultural, graças à difusão de espécies e práticas novas nas farmacopeias locais, contribuindo para modificar, progressivamente, os hábitos fitoterapêuticos e a paisagem vegetal local. “Novas” práticas, introduzidas e difundidas pelos migrantes, são testadas, modificadas se necessário e integradas à farmacopeia local. Retomando os termos consagrados pelos estudos etnobotânicos da área (Ladio & Albuquerque, 2014; Tareau et al., 2020; Tareau, 2019), elas são “relocalizadas” num contexto novo e se “justapõem” a outros usos pré-existentes. Alguns testemunhos recolhidos em campo podem ser mencionados para ilustrar o dinamismo subjacente a esse processo:
- « Eu estava doente e foi uma senhora crioula que me disse para tomar uma planta chamada *tiféy* para preparar um remédio. Essa senhora mora na entrada do bairro.» Mulher de origem palikur, 67 anos, bairro Petite Savane.
« Foi uma colega de origem palikur que me falou dessa planta [*Eupatorium ayapana*]. Eu já conhecia, mas para curar outras coisas.» Mulher crioula guianense, 23 anos, centro da cidade.
- 22 Foi por isso que várias espécies recenseadas neste estudo (*Plectranthus grandis* (fotografia 2), *Vernonia campestris*, *Morinda citrifolia*) não figuram na obra de referência *Les pharmacopées traditionnelles de Guyane*, publicada em 1986 e reeditada em 2004 (Grenand et al., 2004), sinal muito provável da recente introdução na flora medicinal de Saint-Georges de l'Oyapock. As pessoas interrogadas esclareceram que as duas primeiras tinham sido introduzidas em Saint-Georges vindas do Brasil.

Fotografia 2. Boldo, *Plectranthus grandis*

Uma planta introduzida recentemente em Saint Georges de l'Oyapock a partir do Brasil. Vilarejo Onozo, 2017.

- 23 Também podem aparecer combinações entre remédios locais e biomedicina: contra as febres altas – principalmente aquelas ligadas à malária – ácido acetilsalicílico (aspirina) é, às vezes, acrescentados à decocção de plantas conhecidas por suas propriedades febrífugas, como *Quassia amara*¹⁴ ou *Phyllanthus amarus*. Essas apropriações terapêuticas fazem surgir um pluralismo médico complexo, não só entre as diferentes etnomedicinas, mas também entre estas e a biomedicina. Enfim, novas práticas também podem ser inventadas, contribuindo para o enriquecimento das farmacopeias pelo acréscimo de usos *de novo* (Odonne et al., 2011). Foi assim que uma mulher palikur nos informou ser a primeira pessoa de Saint-Georges a ter fabricado um óleo medicinal com sementes da palmeira dendê (palmeira de origem africana, introduzida como ornamental no município).
- 24 Os processos de construção das farmacopeias são, logo, complexos. Enquanto as circulações dos homens entre e nos continentes favoreceram e ainda servem ao deslocamento das plantas, os intercâmbios de saber seguem rotas menos visíveis. Em virtude das coabitações e entendimentos comunitários na zona fronteira e das necessidades pontuais em cuidados, os conhecimentos sobre os usos das plantas são compartilhados, adotados, testados, modificados, contribuindo para a renovação contínua das farmacopeias.

As viagens transnacionais dos homens e plantas: entre mobilidades terapêuticas e ramos comerciais de plantas medicinais.

- 25 As três comunidades indígenas transfronteiriças presentes em Saint-Georges de l'Oyapock (galibi-marwono, karipuna e palikur) testemunham deslocamentos regulares e intercâmbios recíprocos com suas regiões de origem, situadas na região fronteira do Amapá, ao longo dos rios Uaçá, Curipi e Urukauá. Em caso de doença grave, por exemplo, os *pajés* (xamãs) são consultados nas aldeias do Brasil¹⁵ ou se deslocam para Saint-Georges; esses deslocamentos episódicos e bilaterais têm importância capital nos itinerários de busca de cuidados e contribuem muito para fazer com que vivam as culturas indígenas dessas populações (Collomb, 2013).

« Quando a gente fica gravemente doente, a gente pode ver um pajé na aldeia. Eu volto para lá mais ou menos duas vezes por ano, para Manga, minha aldeia natal. » Homem de origem karipuna, 42 anos, vilarejo Bambou.

« Às vezes, as pessoas vêm de Rokawa (no Amapá) para ver meus avós. Eles nos contam velhas histórias, as do nosso Povo. » Mulher de origem palikur, 23 anos, vilarejo Martin.

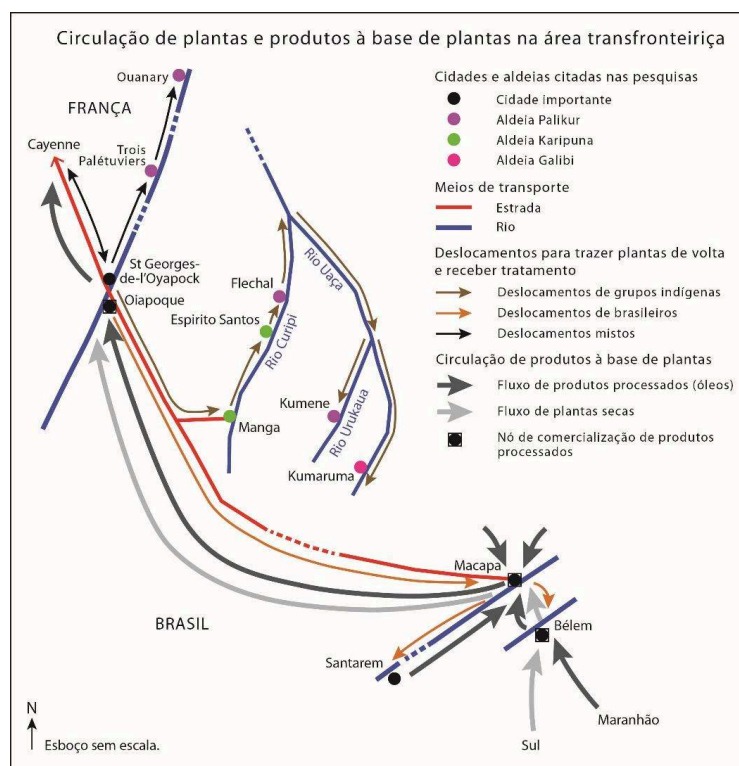
- 26 Por outro lado, essas circulações médico-mágicas são, às vezes, de ordem intercultural, pois alguns crioulos também nos contaram que foram eles próprios às terras indígenas brasileiras para consultar um *pajé*¹⁶:

« Me diagnosticaram com um câncer de próstata. Foi uma curandeira indígena de Curipi (Amapá) que me curou com plantas. » Homem crioulo guianense, 54 anos, pista Martin.

- 27 Por fim, os brasileiros que moram em Saint-Georges de l'Oyapock e são oriundos de cidades mais ao Sul (principalmente Macapá, Belém e São Luís) vão regularmente até elas para fazer visitas à família ou para compras. Trazem frequentemente de volta, nas malas, plantas medicinais compradas lá. O complexo Ver-o-Peso, em Belém, considerado o maior mercado da Amazônia, é principalmente conhecido por suas numerosas tendas de plantas medicinais (Lima et al., 2016; Santos et al., 2018; Soares Farias et Diniz Guerra, 2012; van den Berg, 1984).
- 28 A presença de uma diáspora brasileira na Guiana Francesa e a difusão progressiva de práticas de saúde e consumos de plantas de origem brasileira engendraram uma demanda crescente, no território guianense, por fitomedicamentos brasileiros, que hoje são objeto de uma importante circulação transamazônica – até mesmo transnacional – do Brasil para a Guiana Francesa. Impulsionado e apoiado pelo Governo brasileiro, um importante ramo de transformação e comercialização de plantas medicinais no Brasil fazia com que, já em 2006, houvesse 103 laboratórios que produziam 367 medicamentos fitoterapêuticos comercializados em todo o país (Alves, 2013).
- 29 Caixas de plantas secas e acondicionadas, providas frequentemente dos estados do Sul do Brasil chegam a Oiapoque após um longo trajeto de caminhão através do país, tornando acessíveis às populações que vivem na Amazônia espécies que crescem em meio temperado, provocando, assim, aumento na farmacopeia. Este também é o caso de grandes quantidades de óleos vegetais ou oleoresinas, oriundas essencialmente das regiões do Pará, Amazonas e Maranhão, onde existe um importante ramo extrativista

(Lima et al., 2011; Pinton & Emperaire, 1992). Esses óleos ou resinas transitam frequentemente pelas cidades de Santarém, Belém e, depois, Macapá, antes de serem enviadas, pela estrada, até Oiapoque, em barris ou galões e são reacondicionadas *in loco* (fig. 4). As plantas secas e produtos transformados, que se beneficiam com circuitos de distribuição bem estabelecidos no Brasil, chegam, então, à Guiana Francesa, de maneira informal, por ramos relativamente estruturados. Esse tipo de circulação é praticamente unilateral, do Brasil para a Guiana Francesa, sendo que a cidade de Oiapoque aparece como local essencial de difusão.

Figura 4. Circulações das plantas e produtos à base de plantas no espaço transfronteiriço.



Oiapoque, interface de difusão das plantas medicinais para o mercado guianense

- 30 Esses fluxos de plantas medicinais e fitoprodutos provenientes de outras regiões do Brasil chegam a Oiapoque, de onde são comercializados e difundidos para a Guiana Francesa, num âmbito essencialmente doméstico – logo, informal. Essa cidade-fronteira constitui, de fato, um importante local de abastecimento de todos os tipos de produtos brasileiros para os moradores de Saint-Georges de l'Oyapock e, até mesmo, para a totalidade do litoral guianense. Vem-se de Caiena até Oiapoque para fazer compras baratas de produtos de todo tipo ou tipicamente brasileiros (frios, produtos de beleza, acessórios de moda, castanha-do-Pará...), pegando uma catraia em Saint-Georges ou atravessando a ponte de automóvel.
- 31 As duas principais « interfaces » de venda de plantas em Oiapoque são as lojas de produtos naturais e o mercado central. Vários vendedores de ervas (fotografias 3 & 4), bem abastecidos, propõem, assim, plantas secas e acondicionadas em sachês e diversos

outros produtos fitomedicinais. A profissão de herborista hoje é proibida na França¹⁷, diferentemente do Brasil, e numerosos consumidores guianenses vão até Oiapoque para pedir conselhos dados por essas lojas e comprar remédios que não se podem achar do lado francês, tais como o xarope tônico de guaraná (*Paullinia cupana*) ou o “leite de amapá”, látex de uma espécie florestal amazônica (provavelmente *Parahancornia fasciculata*), consumida como fortificante.

- 32 Quanto ao mercado, oferece principalmente plantas frescas (*babosa*, *Aloe vera*; *arruda*, *Ruta graveolens*; *mastruz*, *Chenopodium ambrosioides*; *chicória*, *Eryngium foetidum*) e óleos vegetais (*andiroba*, *Carapa spp.*; *coco*, *Cocos nucifera copaíba*, *Copaifera spp.*) (fotografias 5 & 6). Se os herboristas atraem os consumidores franceses em busca de óleos e plantas secas certificados, o mercado contribui para a difusão de produtos mais artesanais e vegetais para a Guiana Francesa.

Figura 5. Uma das lojas de ervas de Oiapoque



A e b: vista do exterior e mercadorias no interior.. C e d: o mercado de Oiapoque, interface de venda de plantas e óleos vegetais. Oiapoque, 2017.

Conclusão

- 33 Calçado em escalas de análise, este estudo mostra a que ponto as circulações de plantas e saberes, sejam transnacionais ou microlocais (na escala do bairro), compõem uma realidade marcante do espaço cultural e social de Saint-Georges de l’Oyapock. Os modos das circulações dos saberes, plantas e pessoas, assim evidenciados, se inscrevem nas características de funcionamento de um sistema espacial transfronteiriço que aqui age segundo o modelo do “metamorfismo de contato”, tal como é descrito por J.P. Renard e P. Picouet (1993, citado in Beucher & Reghezza, 2017). Este se apoia, ao mesmo tempo, em mobilidades transfronteiriças, uma zona de bilinguismo e relações amistosas e

familiares que permitem a constituição de um espaço cultural e vivido. A isso se acrescentam uma difusão transnacional de informações escritas e transmitidas por rádio e televisão e fluxos de consumidores que atravessam a fronteira para se abastecer no polo urbano vizinho.

- 34 A margem brasileira da fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa pode ser qualificada como “tintorial”, tamanha a influência que ela exerce, quase que em sentido único, sobre a farmacopeia de Saint-Georges de l’Oyapock, tanto em termos de proveniência das plantas medicinais utilizadas localmente (mais de 10 %) quanto de introdução de novas espécies e usos que vêm se hibridar com as fitoterapias locais e, às vezes, se implantar de maneira duradoura duravelmente. Essas circulações constituem eco para os intercâmbios de sementes, mudas e tubérculos já estudados na região (Grenand, 2011; Martins Faure, 2010), que também vêm enriquecer o patrimônio biocultural e vegetal das duas margens. O peso do Brasil nesses intercâmbios deve, provavelmente, estar ligado à imensidão do seu território, que permite o acesso a uma enorme quantidade de plantas medicinais ou alimentícias e à política favorável de seus governos em matéria de desenvolvimento de fitoprodutos¹⁸. Deve também estar ligado à história particular dessa fronteira franco-brasileira que, até o presente momento, tem funcionado como uma interface entre as culturas.
- 35 Assim, esta pesquisa mostra que as fronteiras enquanto zonas de intercâmbios e de influências mútuas são importantes zonas de difusão de fitoterapias e etnomedicinas. Os movimentos transversais de pessoas contribuem para criar um espaço circulatório de saúde na fronteira. Ela constitui uma parte de um trabalho mais amplo sobre as circulações bioculturais comunitárias na região da Guiana Francesa e seus vizinhos.
- 36 **Agradecimentos**
- 37 Este trabalho foi financiado pela chamada de projetos do Observatório Homens-Meios "Oyapock", e contou também com o financiamento dos projetos « investimentos de futuro », da Agência Nacional de Pesquisa (Labex DRIIHM/IRDHEI e Labex CEBA: ANR-10-LABX-25-01). A tradução foi permitida pela EA 929 AIHP-GEODE da Universidade das Antilhas francesas. Nossos sinceros agradecimentos à Sra. Haci Farina pela tradução em português.
- 38 Desejamos agradecer calorosamente a população de Saint-Georges de l’Oyapock por ter participado deste jogo de sondagem.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, L.F., 2013. Produção de Fitoterápicos no Brasil: História, Problemas e Perspectivas. Rev. Virtual Quím. 5, 450–513.
- Balick, M.J., Kronenberg, F., Ososki, A.L., Reiff, M., Fugh-Berman, A., Bonnie, O., Roble, M., Lohr, P., Atha, D., 2000. Medicinal plants used by latino healers for women’s health conditions in New York City. Econ. Bot.

- Benett, B., Prance, G., 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopeias of the northern South America. *Econ. Bot.* 1, 90–102.
- Bertani, S. et al., 2012. New findings on Simalikalactone D, an antimalarial compound from *Quassia amara* L. (Simaroubaceae). *Experimental Parasitology* 130(4): 341-47.
- Beucher, S., Reghezza, M., 2017, La géographie : pourquoi ? Comment ? Hatier.
- Blancodini, P., Tabarly, S., 2010. Les frontières externes et les limites internes en Guyane, entre fragmentation, ruptures et interfaces. *Géoconfluences*.
- Bochaton, A., 2018. Intertwined Therapeutic Mobilities : Knowledge, plants, healers on the move between Laos and the U.S.. *Mobilities*, Taylor & Francis (Routledge), 1-17.
- Bochaton, A., Lefebvre, B., 2010. Interviewing elites. Perspectives from medical tourism sector in India and in Thailand. In Hall, M. (éd.) *Fieldwork in Tourism. Methods, Issues and Reflections*, Routledge New York, 85-95.
- Bochaton, A., 2009. « Recours aux soins transfrontaliers et réseaux informels : l'exemple lao-thaïlandais ».
- Bochaton, A., Lefebvre, B., 2008. The rebirth of the hospital: Heterotopia and medical tourism in Asia. In Winter, T., Teo, P., Chang, T.C. (eds) *Asia on Tour. Exploring the rise of Asian tourism*, Routledge New York, 97-108
- Boudoux d'Hautefeuille, M., 2008. Entre marge et interface : recompositions territoriales à la frontière franco-brésilienne (Guyane/Amapa), Thèse de doctorat en géographie, Université des Antilles et de la Guyane.
- Bruckmann, L., 2017. « Les territoires du fleuve » : une analyse par l'image de l'intégration territoriale du fleuve Sénégal. *EchoGéo*.
- Candelise, L., 2013. Patrimonialisation des savoirs médicaux : vers une reconfiguration des ressources thérapeutiques. Introduction au dossier thématique. *Anthropol. Santé Rev. Int. Francoph. Anthropol. Santé*.
- Carreño Calderón, A., 2013. Revisiter les frontières et réparer l'histoire. Itinéraires thérapeutiques et processus de sauvegarde de la médecine traditionnelle andine dans un contexte transnational. *Anthropol. Santé Rev. Int. Francoph. Anthropol. Santé*.
- Ceuterick, M., Vandebroek, I., Torry, B., Pieroni, A., 2008. Cross-cultural adaptation in urban ethnobotany: The Colombian folk pharmacopoeia in London. *J. Ethnopharmacol.* 120, 342–359.
- Collomb, G., 2013. « Indiens » ou « Brésiliens » ? Mobilités karipuna vers Cayenne (Guyane française). *Rev. Eur. Migr. Int.* 29, 113–131.
- Collomb, G., van den Bel, M., 2014. Entre 2 mondes, Amérindiens & Européens : sur les côtes de Guyane, avant la colonie, 1560-1627. CTHS.
- Crété, C., 2015. Piroguiers, flux et structuration de l'espace : les piroguiers de l'Oyapock et le pont binational (Guyane, France et Etat de l'Amapá, Brésil). Mémoire de Master 2, Université Joseph Fournier Grenoble.
- De Oliveira, T.C.M., 2009. Frontières en Amérique latine : réflexions méthodologiques. *Espac. Sociétés* 19–33.
- Dejouhanet, L., 2014. Supply of Medicinal Raw Materials: The Achilles' Heel of Today's Manufacturing Sector for Ayurvedic Drugs in Kerala. *Asian Medicine. Tradition and Modernity*, Vol. 7, 3.

- Dejouhanet, L., 2009. L'Ayurveda. Mondialisation d'une médecine traditionnelle indienne. EchoGéo.
- Dupuy, F., 2012. Les arpenteurs des confins : explorateurs de l'intérieur de la Guyane, 1720-1860. CTHS.
- Ferrao, J. et M., 2015. Le Voyage des plantes et les grandes découvertes. Chandeigne.
- Filippi, M., 2016. Réglementations et pratiques fluviales sur le bassin du bas Oyapock, un territoire aux confins de l'Amazonie.
- Fleury, M., 1997. À propos de l'intérêt médicinal du baume de Copahu. Acta Bot. Gallica 144, 473-479.
- Grenand, F., 2011. Un pont entre la France et le Brésil : l'Observatoire Hommes/Milieus sur le fleuve Oyapock, Rayonnement du CNRS n°56 juin 2011.
- Grenand, F., 2012. Enjeux de territoires sur une frontière méconnue, Confins. Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasileira de Geografia, 16.
- Grenand, P., Moretti, C., Jacquemain, H., Prévost, M.-F., 2004. Pharmacopées traditionnelles en Guyane : créoles, wayãpi, palikur. IRD Editions.
- Houël, E. et al., 2009. Quassinoid constituents of Quassia amara L. leaf herbal tea. Impact on its antimalarial activity and cytotoxicity. *Journal of Ethnopharmacology* 126(1): 114-18.
- Hoyez, A.-C., 2011. L'espace-monde du yoga : De la santé aux paysages thérapeutiques mondialisés. Presses universitaires de Rennes.
- Kujawska, M., Hilgert, N.I., 2014. Phytotherapy of Polish migrants in Misiones, Argentina : Legacy and acquired plant species. *J. Ethnopharmacol.* 153, 810-830.
- Ladio, A.H., Albuquerque, U.P., 2014. The concept of hybridization and its contribution to urban ethnobiology. *Ethnobiol. Conserv.* 1-9.
- Laval, P., 2016. Captures estuariennes : une ethnoécologie de la pêche sur le bas Oyapock (frontière franco-brésilienne). Thèse de doctorat, Museum national d'histoire naturelle - MNHN Paris.
- Letniowska-Swiat, S., 2012, Oyapock, un pont trop loin ? Un pont pour quoi ? », dossier « La frontière, discontinuités et dynamiques, Géoconfluences.
- Lima, P.G.C. ; Coelho-Ferreira, M ; Oliveira, R. Plantas medicinais em feiras e mercados públicos do Distrito Florestal Sustentável da BR-163, estado do Pará, Brasil. *Acta bot. bras.* 25(2): 422-434. 2011.
- Lima, P.G.C., Coelho-Ferreira, M. & da Silva Santos, R. Perspectives on Medicinal Plants in Public Markets across the Amazon: A Review. *Econ Bot* 70, 64-78 (2016). <https://doi.org/10.1007/s12231-016-9338-y>
- Lorenzi, H., Matos, F.J., 2002. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. Instituto Plantarum de Estudos da Flora, Brésil.
- Luciani, D. 1926. Le frêne à Manne, la manne. Office national des matières premières végétales pour la droguerie, la pharmacie, la distillerie et la parfumerie.
- Mam-Lam-Fouck, S., Anakesa, A., 2013. Nouvelle histoire de la Guyane, Ibis Rouge Editions.
- Martins Faure, L., 2010. Les dynamiques spatiales en zone frontalière : contributions vers un diagnostic de l'économie des petits exploitants agricoles, Rapport pour le compte de l'OHM Oyapock.

- Mercan, A., 2012. La route du cordyceps. Autrepart.
- Moullé F. (dir.), 2017. Frontières. Presses Universitaires de Bordeaux.
- Nicolas, T., 2016. « Frontières, migrations et reconfigurations territoriales en Guyane », in Collomb Gérard et Mam Lam Fouck Serge (direction), Mobilités, ethnicités, diversité culturelle : la Guyane entre Surinam et Brésil. Eléments de compréhension de la situation guyanaise, Matoury, Ibis Rouge Editions, 273-298.
- Nouailhat, R., 2010. L'Oyapock, frontière impossible. Médium, 118-123.
- Odonne, G., 2014. Ethnobotany of Amazonia. In Encyclopaedia of the History of Science, Technology and Medicine in the Non-Western Cultures.
- Odonne, G., Berger, F., Stien, D., Grenand, P., Bourdy, G., 2011. Treatment of leishmaniasis in the Oyapock basin (French Guiana): A K.A.P. survey and analysis of the evolution of phytotherapy knowledge amongst Wayãpi Indians. J. Ethnopharmacol. 137, 1228-1239.
- Pérez, P., Archambeau, O., 2012. Architectures et paysages de Saint-Georges de l'Oyapock. OHM Oyapock, CNRS Guyane (Cayenne).
- Pieroni, A., Quave, C.L., Giusti, M.E., Papp, N., 2012. "We are Italians!": the hybrid ethnobotany of a Venetian diaspora in Eastern Romania. Hum. Ecol. 40, 435-451.
- Pinton, F., Emperaire, L., 1992. L'extractivisme en Amazonie brésilienne : un système en crise d'identité. Cah. Sci. Hum. 28, 685-703.
- Police, G., 2010. Eudorado. Le discours brésilien sur la Guyane française. Ibis Rouge Editions.
- Pordié, L., 2013. Les pérégrinations de Dolma Tsering. Itinéraire transnational d'un médecin tibétain. Nouv. Guérisseurs Biogr. Thérapeutes Au Temps Glob. Paris EHESS, 155-180.
- Pordié, L., 2002. La pharmacopée comme expression de société. Une étude himalayenne. Sources Savoir Aux Médicam. Futur, 183-94.
- Reiff, M., O'Connor, B., Kronenberg, F., Balick, M., Lohr, P., Roble, M., Fugh-Berman, A., Johnson, K.D., 2003. Ethnomedicine in the Urban Environment: Dominican Healers in New York City. Hum. Organ. 62, 12-26.
- Ruffray, S. de, 2000. De la marginalité territoriale à la recomposition territoriale « marginale ». Rev. Géographique Est 40.
- Sakoyan, J., 2012. Les mobilités thérapeutiques. Bilan et perspectives depuis les Comores. Anthropol. Santé Rev. Int. Francoph. Anthropol. Santé.
- Santos, J.J.F. ; Coelho-Ferreira, M. ; Lima, P.G.C. Etnobotânica de plantas medicinais em mercados públicos da Região Metropolitana de Belém do Pará, Brasil. Biota Amazônia, v. 8, n.1 (2018).
- Saxer, M., 2009. Herbs and Traders in Transit: Border Regimes and the Contemporary Trans-Himalayan Trade in Tibetan Medicinal Plants. Asian Medicine. Tradition and Modernity, Vol. 5, 317-339.
- Soares Farias, E., Diniz Guerra, G.A., 2012. Plantas medicinais, ervas aromáticas e produtos para usos imateriais na Féria do 25, em Belém do Pará. Terceira Margem Amazon. 1, 207-218.
- Tareau, M.A., Bonnefond, A., Palisse, M. et al. Phytotherapies in motion: French Guiana as a case study for cross-cultural ethnobotanical hybridization. J Ethnobiology Ethnomedicine 16, 54 (2020). <https://doi.org/10.1186/s13002-020-00404-1>
- Tareau, M.A., 2019. Les pharmacopées métissées de Guyane : ethnobotanique d'une phytothérapie en mouvement. Thèse de doctorat, Université de Guyane.

- Tareau, M.A., Dejouhanet L., Odonne G., Palisse M., Ansoe C., 2019. Penser la cueillette de plantes médicinales sauvages dans des sociétés en transition : le cas guyanais. *EchoGéo* 47.
- Tareau, M.A., Palisse, M., Odonne, G., 2017. As vivid as a weed.... Medicinal and cosmetic plant uses amongst the urban youth in French Guiana. *J. Ethnopharmacol.* 203, 200–213.
- Thebaux, P., 2015. Le pont de l'Oyapock : Quels discours et quelles représentations des médias et des riverains ? Mémoire de Master 2, Université de Montpellier 2.
- Théry, H., 2015. À quoi sert la Guyane ? *Outre-Terre* 43, 211.
- Tritsch, I., Gond, V., Oszwald, J., Davy, D., Grenand, P., 2012. Dynamiques territoriales des Amérindiens wayãpi et teko du moyen Oyapock, Camopi, Guyane française. *Bois For. Trop.* 49–61.
- van Andel, T., Westers, P., 2010. Why Surinamese migrants in the Netherlands continue to use medicinal herbs from their home country. *J. Ethnopharmacol.* 127, 694–701.
- van den Berg, M.E., 1984. Ver-o-Peso : the ethnobotany of an amazonian market., in : *Ethnobotany in the Neotropics*. G. T. Prance & J. A. Kallunki, 140–149.
- Voeks, R.A., 2007. Are women reservoirs of knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. *Singap. J. Trop. Geogr.* 28, 7.

NOTAS

1. Este artigo foi publicado em francês na *Revue francophone sur la santé et les territoires*, no número temático de 2019, dedicado às “Circulações na saúde: produtos, saberes, pessoas em movimento”, coordenado por Chiarella Mattern e Audrey Bochaton.
2. Os indígenas galibi-marwono e karipuna do Baixo Oiapoque falam o khéuol, uma língua que se aproxima do crioulo guianense.
3. Calcula-se em aproximadamente 600 usuários por dia o tráfego fluvial entre Saint-Georges e Oiapoque (Crété, 2015).
4. A estrada entre Oiapoque e Macapá data dos anos 1970 e aquela entre Caiena e Saint-Georges de l'Oyapock só foi aberta em 2003. Antes disso, as ligações só se faziam por via marítima ou aérea, onerosas e pouco numerosas.
5. As amostras botânicas colhidas em campo foram acondicionadas, secas, conservadas e identificadas no Herbário do IRD de Caiena.
6. Essa lei só é relativa aos conhecimentos tradicionais próprios aos povos indígenas e bushinenguês (“quilombolas”).
7. APA significa em frances “Acces et Partage des Avantages”.
8. <http://www.ethnobiology.net/what-we-do/core-programs/ise-ethics-program/code-of-ethics/>
9. Seu número é estimado em 20.000 pessoas pelo Consulado do Brasil (Police, 2010).
- 10.
11. Os conhecimentos cuja proveniência é mista não foram levados em conta neste cálculo, o que faz pensar numa parte ainda mais importante de transmissão feminina...
12. Trata-se de um grupo etnocultural bushinenguê (“quilombola”), isto é, descendente de escravos que tinham fugido das plantações surinamenses durante os séculos XVII e XVIII, para se instalarem ao longo do rio Maroni.

13. Trata-se de uma oleoresina que é cicatrizante, muito conhecida em toda a Amazônia (Odonne, 2014) e à base de um bálsamo popular na Europa do século XIX (Fleury, 1997).
 14. A espécie mais corrente citada em Saint-Georges de l'Oyapock, *Quassia amara*, foi objeto de vários estudos farmacológicos que enfatizaram sua ação antimalária (Bertani et al., 2012 ; Houël et al., 2009).
 15. Essas aldeias fazem parte de terras indígenas que cuidam da preservação dos valores culturais autóctones.
 16. Termo de origem tupi-guarani que designa, no Leste da Amazônia, o curandeiro, mais próximo do conceito de xamã.
 17. Na França, as plantas medicinais fazem parte do monopólio farmacêutico, isto é, só podem ser vendidas ao público por farmácias, de acordo com o artigo L. 4211-1/5° do Código de Saúde Pública. No entanto, há exceções, pois um certo número de plantas está “liberado” desse monopólio.
 18. É importante salientar que no Brasil existe um Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (PNPMF/SUS), o qual recomenda que cada estado apoie pesquisas etnobotânicas e etnofarmacológicas em colaboração com suas respectivas populações conhecedoras de plantas medicinais (indígenas, quilombolas, caboclas, etc) para introdução destas no SUS.
-

RESUMOS

As farmacopeias são, como toda produção cultural, objetos eminentemente vivos e dinâmicos que se transformam e se reinventam constantemente, ao longo dos contatos e intercâmbios incessantes que acontecem entre os diferentes grupos humanos. As plantas medicinais também são “objetos bioculturais” (Pordié, 2002) pela riqueza e complexidade das relações que as sociedades mantêm entre si, que estão igualmente sempre em evolução. Na Guiana Francesa e, especialmente, nos espaços transfronteiriços, as interações culturais são constantes. As plantas e seus usos circulam entre as comunidades, participando assim da renovação e hibridação contínuas das fitoterapias. Esses fluxos materiais e imateriais compõem a realidade cultural dos espaços transfronteiriços do Planalto das Guianas. O presente artigo foca a fronteira franco-brasileira, materializada pelo Rio Oiapoque. Baseados em entrevistas feitas na cidade de Saint-Georges de l'Oyapock, propomos uma descrição exploratória dos fluxos etnobotânicos em contexto transfronteiriço, interessando-nos pelas plantas medicinais intercambiadas, pela difusão dos saberes a elas associados e, logo, pelos modos de circulação das plantas e conhecimentos. Este estudo integra uma pesquisa mais ampla sobre as circulações bioculturais na região da Guiana Francesa e seus vizinhos.

Les pharmacopées sont, à l'image de toute production culturelle, des objets éminemment vivants et dynamiques qui se transforment et se réinventent constamment, au fil des contacts et échanges incessants qui se jouent entre les différents groupes humains. Les plantes médicinales sont, elles aussi, des « objets bioculturels » (Pordié, 2002) par la richesse et la complexité des relations que les sociétés entretiennent avec elles, elles aussi toujours en évolution. En Guyane, et en particulier sur les espaces transfrontaliers, les interactions culturelles sont constantes. Les

plantes et leurs usages circulent entre les communautés, participant au renouvellement et à l'hybridation continue des phytothérapies. Ces flux matériels et immatériels composent la réalité culturelle des espaces transfrontaliers du plateau des Guyanes. Cet article se focalise sur la frontière franco-brésilienne matérialisée par le fleuve Oyapock. À la lumière d'entretiens menés dans la ville de Saint-Georges-de-l'Oyapock, nous proposons une description exploratoire des flux ethnobotaniques en contexte transfrontalier, en nous intéressant aux plantes médicinales échangées, à la diffusion des savoirs associés et donc aux modes de circulation des plantes et des connaissances. Cette étude compose une partie d'une recherche plus large sur les circulations bioculturelles à l'échelle de la Guyane et de ses voisins.

Pharmacopoeias are, like any kind of cultural production, living and dynamic objects that constantly change and reinvent themselves, throughout continuous contacts and exchanges between different social groups. Medicinal plants are "biocultural objects" (Pordié, 2002) as well, because of the richness and the complexity of relationships that societies develop with them. In French Guiana, especially in its cross-border areas, cultural interactions are usual. Plants and knowledge about their uses circulate among communities, contributing to a permanent renewal and a continuous hybridation of herbal medicines. These material and immaterial flows form the cultural reality of cross-border areas on the Guiana Shield. This paper focuses on the border between French Guiana and Brazil, which was made tangible by the Oyapock River. Based on interviews conducted in the French border town of Saint-Georges-de-l'Oyapock, it proposes an exploratory description of ethnobotanical flows in this cross-border context. It lists the medicinal plants used in Saint-Georges, analyses the diffusion of associated knowledge between the different communities and highlights the circulations of plants and of related medicinal knowledge in this transfrontier area. This research is one part of a larger study on biocultural circulations at the scale of French Guiana and its neighbours.

ÍNDICE

Keywords: circulation, ethnobotany, French Guiana, Brazil, medicinal plants, border

Palavras-chave: circulação, etnobotânica, Guiana francesa, Brasil, plantas medicinais, fronteira

Mots-clés: circulation, ethnobotanique, Guyane française, Brésil, plantes médicinales, frontière

Índice geográfico: Guyane française

AUTORES

MARC-ALEXANDRE TAREAU

Université de Guyane, Cayenne, LEEISA, marc.alexandre.tareau@gmail.com

LUCIE DEJOUHANET

Université des Antilles, AIHP-GEODE EA 929, lucie.dejouhanet@orange.fr

MARIANNE PALISSE

AIHP-GEODE EA 929, Université des Antilles, marianna.palisse@univ-guyane.fr

GUILLAUME ODONNE

Université de Guyane, Cayenne, LEEISA, guillaume.odonne@cnrs.fr